

# Crónica de onomástica paleo-hispânica (26)

\* Direção-Geral do Património Cultural.  
afaria@dgpcc.pt

António Marques de Faria\*

**Resumo** Nesta crónica, revisitamos diversos NNL e NNP atestados nas fontes antigas, que, com a exclusão de quatro casos — **saico**, **siCounin**, **šeCena** e **XV / TAMVSIENSI** —, já foram alvo de comentários nossos em textos anteriores.

**Abstract** In this review, we analyse several personal and place names attested in ancient sources, which, with the exception of four cases — **saico**, **siCounin**, **šeCena** and **XV / TAMVSIENSI** — have already been the subject of our comments in previous texts.

ACIRGI. Marca de ânfora. La Catria (Lora del Río, Sevilha). Berni, 2008, p. 168.

Pouco mais temos a acrescentar aos comentários que fomos redigindo a propósito deste NL (Faria, 2000a, p. 125, 2002a, p. 123, 2003a, p. 313) que já Hübner (1899, p. 497) considerava ser ibérico.

Resta-nos recordar que Correa (2002 [2003]) nem sequer incluiu ACIRGI (seja esta a forma completa ou abreviada) entre os NNL pré-romanos atestados na Bética, erro em que reincidiu numa recente monografia dedicada à toponímia antiga da Andaluzia (Correa, 2016). Seria interessante conhecer os motivos que levaram Correa a omitir aquele NL do corpus que coligiu. Não se encontra, porém, uma só palavra acerca de ACIRGI nem no Apên-

dice A (pp. 501–514), intitulado “Topónimos excluídos”, nem no Apêndice B (pp. 515–516), que trata dos “Topónimos dudosos o inexistentes”. Ou seja, Correa, ao invés do que propugna para outras denominações de *figlinae*, nem sequer equaciona para ACIRGI a hipótese de configurar um NL, seja pré-romano ou de época posterior.

Por sua vez, Rodríguez (2014, p. 107) duvida da ibericidade de ACIRGI “por motivos geográficos” (*sic*). Ou seja, em vez de tentar encontrar uma explicação para a ocorrência de um NL de nítida origem ibérica na Bética ocidental — pela nossa parte, temos vindo a defender que não é caso único: e.g., \**Baisaro*, \**Baisuri* etc.) —, Rodríguez prefere negar as evidências e refugiar-se numa suposta impossibilidade

geográfica, erigindo fronteiras etnolinguísticas num espaço e num tempo em que, definitivamente, estas não existiam.

**aiunaTin.** Almofariz de cerâmica comum. La Caridad (Caminreal, Teruel). *MLH* IV K.5.4.

Por uma questão de comodidade, tal como noutras ocasiões (Faria, 2009 [2010], p. 158, 2012, p. 88), a nossa entrada alude apenas à primeira marca a ser editada, recolhida em La Caridad (Caminreal), e não à que se achou em La Corona de Fuentes de Ebro (Saragoça) (Vicente & alii, 1993, pp. 761–762).

Talvez valha a pena lembrar que praticamente tudo o que de acertado se escreveu sobre esta inscrição bilingue já constava do vol. IV dos *MLH*, incluindo a equivalência entre lat. *servus* e ib. *abinef* (*MLH* IV, p. 650: “Es liegt dann nahe, in *abiner* die Entsprechung von *servus* [...] zu suchen”), equivalência esta que veio a merecer, um ano mais tarde, o nosso apoio implícito (Faria, 1998a, p. 128).

**aiunaTin**, que apenas se regista na versão ibérica da marca de oleiro em questão, configura o *cognomen* do proprietário do escravo FL(*accus*), pelo que a identificação integral daquele não pode ser senão *Lucius Atilius Aiunadin* (*MLH* IV, p. 650; Faria, 1998a, p. 128).

Contudo, ao contrário do que pensa Estarán (2016, p. 343, n. 244), não corresponde de modo nenhum à verdade que tenhamos (Faria, 1998a, p. 128) secundado integralmente Untermann (*MLH* IV, p. 650) na identificação do oleiro atestado na marca bilingue de La Caridad. O nome completo (latinizado) do escravo em questão é *Flaccus Atili Aiunadin(is) L(uci) s(ervus)* (Faria, 1998a, p. 128), e não *Flaccus L. Atili L. f. Aiunatin(is) s(ervus)*, como queria Untermann (*MLH* IV, p. 650).

Em face do exposto, é evidente que Estarán (2016, p. 343), ao alvitar a interpretação de *abinef* como *patrónimo* ou como *cognomen* (*sic*) de *Aiunadin*, está a cometer um monumental disparate:

De hecho, nada se opone a que *abiner* pudiera formar parte de la fórmula onomástica de *aiunatin* en calidad de *patrónimo* por ejemplo, sin excluir otras opciones, como el equivalente a un *cognomen*, por ejemplo.

**aniTalsCaí.** Lápide. *Tarraco* (Tarragona). *MLH* III 2 C.18.5.

Estarán (2016, p. 353), além de optar erroneamente pela transliteração **anTalsCaí** em vez de **aniTalsCaí** (Faria, 2002a, p. 139, 2004a, p. 294, 2008a [2009a], p. 299, 2010 [2011], p. 91, 2014, p. 168, 2016 [2017], pp. 109–110), volta a equivocar-se quando considera que o NP em questão “consta del prefijo **an** y **talskar**” (Estarán, 2016, p. 353, n. 276).

Temos vindo a defender que **aniTalsCaí** deve ser morfologicamente segmentado em **ani-Tals-Caí** (Faria, 2002a, p. 139, 2004a, p. 294, 2008a [2009a], p. 299, 2010 [2011], p. 91, 2014, p. 168), mas talvez haja que prescindir de uma tal análise em favor de **ani-Tals-Co/-Cu** + suf. **-aí** (De Hoz, 2011, p. 261).

Espantosamente, Estarán (2016, p. 353, n. 276) colige vários testemunhos da, por ela apelidada, “secuencia «*tals*»”, mas, mercê de um qualquer bloqueio, não soube tirar as devidas consequências de semelhante constatação.

Como é óbvio, nenhum crédito nos pode merecer a hipótese formulada por Estarán (2016, pp. 353–354), segundo a qual **aTinPelaur**, **anTalsCaí** (*sic*) e *Fuluia Lintearia* (ou *lintearia*) identificam uma só pessoa.

BETATVN. Cipo de calcário. Arredores de Fuerte del Rey (Jaén). Corzo & alii, 2007 [2008], *passim*.

Há alguns anos (Faria, 2008b [2009b], p. 67), cotejávamos o elemento final de BETATVN com AITVNEO (*dat.*), o presumível nome de outra divindade indígena, alegadamente mencionado numa inscrição, entretanto desaparecida, achada em Araia (Álava) (Albertos, 1970, pp. 156–157). Não podemos, no entanto, deixar de assinalar que Gorrochategui & Ramírez (2013, p. 119 e n. 5) expressaram fundadas dúvidas quanto à leitura do ND em apreço até então perfilhada.

Nessa mesma ocasião (Faria, 2008b [2009b], pp. 67–68), relacionávamos, não sem algumas ressalvas, o segundo componente de BETATVN quer com o NP que serviu de base derivacional aos NNL bascos *Aizoáin* / *Aitzoain* (Belasko, 1999<sup>2</sup>, pp. 53–54; Ramírez, 2002, p. 41) e *Azoz* / *Azotz* (Belasko, 1999<sup>2</sup>, p. 115), quer com o primeiro membro do NP *Azubel* / *Azubele* / *Axubele* / *Axubeli*, documentado a partir do século XI (Cierbide, 1996, pp. 123, 124, 2005, p. 23; Irigoyen, 1990, p. 48, n. 107, 1997, p. 401; Becker, 2009, p. 242). Independentemente da validade de uma tal apro-

ximação onomástica/linguística, não assiste qualquer legitimidade a Salaberri (2015, pp. 245–248) ao tentar fazer-se passar por pioneiro na individualização do NP basco Azo em *Azoáin*. Aliás, tão-pouco se afigurava lícita a reivindicação igualmente assumida por Salaberri (2011, p. 48) da autoria da identificação de *Attius* em *Azoz / Azotz* e em *Azubel / Azubele / Axubele / Axubeli*, porquanto já era este o entendimento — erróneo, a nosso ver (Faria, 2008b [2009b], p. 68) — de Irigoyen (1990, p. 48, n. 107, 1997, p. 401).

Contrariando o parecer emitido por Belasko (1999<sup>2</sup>, pp. 53, 115), cremos que *Aizo* > *Aizoáin* e *Azo / Azu* > *Azoz* correspondem, não a dois, mas somente a um NP de origem (paleo)basca. Parece ser esta também a opinião defendida por Ramírez (2002, p. 41) ao remeter *Aizoáin* para o NP *Azu*. Não cremos, por conseguinte, que faça qualquer sentido procurar em *Actius* a génese de *Aizoáin* (contra, Salaberri, 2010, p. 390).

**biurtif.** Cerâmica de verniz negro de Roses. Necrópole de Can Rodon de l’Hort (Cabrera de Mar, Barcelona). Ferrer, 2013, p. 126; G. Sinner & Ferrer, 2016, pp. 201, 204, 215.

Na eventualidade de o presente NP se segmentar em **biur-tif** (Faria, 2016 [2017], p. 119), o melhor paralelo para o segundo membro do composto encontrar-se-ia em **bigitir** (Sanmartí, 1993, p. 21; Faria, 2010 [2011], p. 61, 2016, p. 166). Impor-se-ia, nestas circunstâncias, encarar o elemento *tir* como variante de *tií*, mas não há como demonstrar semelhante asserção.

KANIKΩNE. *Skyphoi*. Peyriac-de-Mer (Sigeac, Aude). Bats, 1988, pp. 125, 126.

Não vemos motivos suficientemente ponderosos que nos conduzam a abandonar a análise que formulámos há alguns anos (Faria, 2012, pp. 94–95) a respeito de KANIKΩNE.

Cabe-nos, de qualquer modo, dar notícia de outras interpretações que venham a mostrar-se tão ou mais convincentes do que a nossa. Não é, decerto, o caso da que foi alvitada por Jaquemot (2017), eivada de erros e imprecisões. O único mérito que lhe reconhecemos consiste na analogia, à primeira vista tentadora, entre KANIKΩNE e o orónimo *Canigó*, atestado no Languedoque-Rossilhão. Não rejeitamos por completo uma segmentação de KANIKΩNE em

KANIKΩ-N-E, cumprindo a segunda nasal uma função anti-hiática, conquanto se nos afigure mais provável uma análise em KANIKΩN-E (Faria, 2012, pp. 94–95). No pressuposto de que KANIKΩ(N) e *Canigó*, além de partilharem a etimologia, se aplicam a uma mesma entidade, não nos repugnaria identificar nos dois casos um só ND. As inscrições vasculares assumiriam, nesta conformidade, um carácter votivo, sendo, por outro lado, bem sabido que muitas designações de acidentes orográficos remetem para um contexto teonímico em resultado de um processo de divinização ou de sacralização dos mesmos (v., entre muitos outros, Olivares, 2002, pp. 171–174, 2003, pp. 299–301; De Bernardo Stempel, 2016, pp. 208, 210).

Independentemente da analogia estabelecida por Jaquemot, cremos que os argumentos expostos por Guiter (1975, pp. 35–36, 1992, p. 195) com vista a associar etimologicamente o orónimo *Canigó* < \**Canico* ao substantivo/adjetivo basco *gaineko* se revestem de grande pertinência.

**Cares.** Placa de bronze. *Contrebia Belaisca* (Cabezo de las Minas de Botorrita, Zaragoza). *MLH IV K.1.3*.

A presente entrada corrige a que saiu na crónica anterior (Faria, 2016 [2017], pp. 119–120) com erros na reprodução dos dois signos epicóricos.

Moncunill (2016a, p. 82) atribui a Untermann (1994–1995 [1997]) a interpretação de **Cares** (com M final celtibérico correspondente a ib. *ś*) como NP ibérico. Trata-se, porém, de uma atribuição abusiva (Faria, 1997, p. 107), já que tal NP nem sequer foi mencionado por Untermann naquele artigo, dedicado integralmente à antroponímia ibérica presente em K.1.3. De resto, Untermann (1996, p. 140) interpreta **Cares** como um provável NP celta de tema em *-t-*.

**CañsuriTu.** Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH 343:15–16*.

Numa tese de doutoramento que, em 2016, teve honras de publicação pela Universidade de Saragoça, é ainda possível ler **ka-G20-suriTu** (Estarán, 2016, pp. 321, 324) onde figura **CañsuriTu** (Faria, 1990–1991, pp. 74, 81, 1991a, p. 190, 1991b, pp. 17–18, 1994a, p. 67, 1994b, pp. 42–43, n.º 112, 1995a, p. 326, 1995b, pp. 80, 81, 1996, p. 158,

1997, p. 106, 1998b, p. 236, 2000a, pp. 122, 130, 2001a, p. 209, 2001b, p. 99, 2002a, p. 127, 2002b, p. 240, 2003b, pp. 213, 215, 2005a, p. 167, 2007a, p. 214, 2011 [2012], pp. 161–162).

**CífaTiCuś.** Moedas. Sudoeste da Gália / **ośCuYcen** < \*Oscu (localização indeterminada). Ripollès, 2017, p. 198.

Descartada uma origem ibérica, dificilmente nos eximiremos à conclusão de que se trata do NP céltico \*Ciratigus, de tema em -u, composto por *cira-*, radical do derivado *Ciratos/Ciratus* (Delamarre, 2007, p. 66), e por *figu-* (DLG, p. 296).

A filiação linguística do NP em questão deixa entrever a hipótese de a emissão monetária que o veicula ter sido cunhada no sudoeste da Gália, ainda que com recurso a cunhos de reverso utilizados em \*Oscu ou, atendendo ao erro ortográfico identificado por Ripollès (2017, p. 199), copiados a partir de exemplares produzidos nesta última ceca. Esta nossa suspeita alicerça-se igualmente no facto de pelo menos um dos dois numismas até hoje conhecidos ter sido descoberto no sudoeste da França (Ripollès, 2017, p. 198). Nada se sabe acerca do sítio onde o segundo exemplar foi encontrado, mas a circunstância de o mesmo pertencer ao numismata Pierre-Yves Melmoux, residente em Perpilhão (Ripollès, 2017, p. 198), indicia que o achado terá ocorrido em local não muito distante desta cidade.

CONIPR(...). Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). CNH 342:5.

Numa tese de doutoramento que, em 2016, teve honras de publicação pela Universidade de Saragoça, é ainda possível ler CONIPP (Estarán, 2016, p. 319) onde figura CONIPR (Faria, 1991b, p. 18, 1994b, p. 43, n.º 125, 1996, p. 158, 2000a, p. 130, 2007a, p. 215, 2011 [2012], p. 151). Trata-se, naturalmente, de um NP abreviado, e não completo, como deixa entrever Estarán.

Estes mesmos dislates foram assumidos por De Hoz (2016, p. 215) num trabalho pejado de erros involuntários e de omissões bibliográficas propositadas. Como é óbvio, a decisão tomada por De Hoz no sentido de silenciar praticamente tudo o que fomos publicando sobre o tema nada tem de surpreendente (Faria, 2012, *passim*).

**CuruCuru.** Moedas. \*Bersa (localização indeterminada). CNH 439:1.

Temos de reconhecer a nossa incapacidade em compreender muito do que Amela (2016, p. 39) afirma acerca do presente NP.

Aparentemente, este autor pretende questionar a pertinência das nossas reflexões acerca de *Crucuru* e de *Adin* (Faria, 2008b [2009b], pp. 73–74, 2015, p. 128, Quadro 1, 2016, p. 160), omitindo a circunstância (que não é desprecienda) de o primeiro destes NNP ser qualificado por Correa (1993, p. 116) como “posiblemente ligur” ou “ligúrico”, segundo De Hoz (*apud* DCPH II, p. 260), autor que, além do mais, formula a hipótese, altamente inverosímil, de *Crucuru* se encontrar abreviado. Por outras palavras, Correa jamais classificou *Crucuru* como “nombre celta o precelta” (Amela, 2016, p. 39) ou como “nombre galo” (Ferrer, 2012, p. 36). Apesar de ter errado, a nosso ver, na inclusão de *adin* no idiótismo em causa, Villaronga (CNH, p. 439) esteve mais próximo da solução apropriada ao declarar que “[l]a leyenda KURUKURU-ATIN, más que un topónimo parece ser el nombre de un caudillo galo”. Refira-se que a legenda **CuruCuru/aTin**, foi indevidamente encarada como toponímica tanto por García-Bellido & Ripollès (1997a, p. 213) como por López (2017, pp. 52, 53), que omitiram a existência do NL **Persa** < \*Bersa no anverso dos mesmos numismas.

**CuruCuru** nada tem que ver com a marca CVRVCVNTIN, aplicada em ânforas produzidas na costa ocidental da Bética (Hübner, 1899, p. 499; Lagóstena, 2001, p. 372; Fabião & alii, 2016, pp. 98–99, n.º 115), um NP ao qual chegámos a atribuir uma origem ibérica (Faria, 1990–1991, p. 86). Acreditamos agora que estamos perante uma abreviação do NP de filiação céltica \*Curucuntinus, composto por *curo-* (Delamarre, 2007, p. 218) ou, menos provavelmente, por *coro-* (Delamarre, 2007, p. 217), e por *cuntinus* (Delamarre, 2007, p. 79) < \*cuntinos.

Enquanto Hübner (1899, p. 499) interpretava CVRV'CVNTIN como abreviação de CVRVCVNTIN(ense) < \*Curucuntum, relacionando este suposto NL com *Corocotta*, NP que considerava ser ibérico, Lagóstena (2001, pp. 431–432), agora seguido por Fabião & alii (2016, p. 98), preferia encarar a dita marca como uma sucessão de abreviaturas, a desdobrar em C ( ) V ( ) R ( ) V ( ) C ( ) V ( )

N( ) TIN( ), sendo que as duas letras iniciais corresponderiam a *clarissimus uir*: “quizás este-mos ante R. C( ) V( ) (sic), calificado por las letras iniciales como *clarissimus vir*.” (Lagós-tena, 2001, p. 432). Além de se afigurar muito improvável — mas não impossível (Berni, 2008, pp. 113–114) — que o nexa ‘RV’ abrevie duas palavras distintas, a interpretação conferida por Lagóstena às duas letras iniciais não pode merecer a nossa concordância, já que o título de *clarissimus uir* sucede invariavelmente à fórmula onomástica dos senadores que o ostentam (Berni, 2008, p. 148). Neste sentido, seria mais razoável individualizar a referida sigla após as primeiras quatro letras, que poderiam equiva-ler aos *tria nomina* de um indeterminado sena-dor: C(*aius*) V(...) RV(...). Não cremos, porém, que esta configure a hipótese mais acertada, tanto mais que não nos ocorre qualquer tipo de explicação para a sequência VNTIN.

**iCale(n)sCen.** Moedas. \**Igale* (localização inde-terminada). CNH 324:1–26.

Antes de mais, não podemos pactuar com a falta de rigor evidenciada por Estarán (2016, p. 313) ao atribuir a De Hoz a coautoria da translitera-ção como <e> do quarto signo pertencente à legenda em apreço. Tal mérito cabe exclusiva-mente a Untermann (*MLH* I 1, pp. 75–76, 1976, pp. 216–217).

A forte probabilidade de \**Igale* constituir o NL subjacente a **iCale(n)sCen** (gen. pl.) (Faria, 2003a, pp. 313–314, 2003b, p. 220, 2005a, p. 164, 2005b, pp. 280, 281, 2012, p. 97, 2013, p. 192), gentílico que, por sua vez, deve ser equiparado aos Ἰγλήτας (ac. pl.) mencionados por Estrabão (*Geogr.* 3.4.19) (Gómez-Moreno, 1934, p. 189, 1949, p. 185; Beltrán Villagrasa, 1954, p. 24; Faria, 1991b, p. 15, 1992, p. 45, 1995a, p. 325, 2002b, p. 234, 2003b, p. 220, 2005a, p. 164, 2005b, pp. 280–281, 2007b, p. 171, 2009 [2010], p. 162, 2012, p. 97; *contra*, Jenkins, 1958, p. 66; Gozalbes, 2017, p. 12), sai de algum modo revigorada através da evocação de outro NL, *Igali*, documentado desde 1085, identificador de uma povoação de Navarra (Belasko, 1999<sup>2</sup>, p. 235). Recorde-se que é com *igal* que principia o NP bitemá-tico IGALGHIS (*CIL* II<sup>2</sup>/5, 415) < \**igal-giś* (Faria, 2005a, p. 164, 2005b, p. 280).

Ao invés da detalhada abordagem empreen-dida por Vidal (2015, pp. 261–263) — a despeito de este autor admitir soluções etimoló-

gicas que não podemos acolher (Faria, 2013, p. 192) —, Estarán (2016, pp. 312–314), numa manifestação de preocupante ignorância, nem sequer se referiu à supracitada tese que sustenta a equivalência entre os gentílicos **iCale(n)sCen** (gen. pl.) e Ἰγλήτας (ac. pl.). Em contrapartida, a mesma investigadora parece aceitar algum tipo de relação entre **iCale(n)sCen** e *Egeles-tani*, gentílicos que deverão corresponder a um só, conquanto transmitidos em idiomas distintos (Jenkins, 1958, p. 66). Não podemos deixar de estranhar que uma tal equiparação, admitida com distintos graus de convicção por diversos investigadores (Ruiz, 1991–1992, pp. 85–86; Quesada & García-Bellido, 1995, p. 67; García-Bellido & Ripollès, 1997a, p. 211, 1997b, p. 283; García-Bellido, 2002, p. 184; De Hoz, *apud* García-Bellido, 2002, p. 184; *DCPH* II, p. 171; García, 2007, pp. 76–77; Faria, 2009 [2010], p. 162, 2013, p. 192; Curchin, 2010, p. 16, 2011, p. 313; Ferrer, 2012, p. 31; Bal-lester, 2013, p. 38, 2015, p. 137; Luján, 2003 [2004], pp. 129–130, 2013, p. 121; Gozalbes, 2014, p. 68, 2017, pp. 15, 18; Gozalbes & Gozalbes, 2015, p. 49; Amela, 2014, p. 113), tenha passado completamente despercebida a Correa (2016, p. 296).

LONT(*igi*) / LVNT(*igi*) / OLONT(*igi*). Moedas. *Olontigi* (localização indeterminada). CNH 110:6–14.

Em aditamento ao que, há alguns anos, dei-xámos consignado acerca de *Olontigi* (Faria, 2006, p. 124), vimos agora trazer à cola-ção mais um presumível *comparandum* para o formante inicial daquele NL ibérico, caso seja *Olon-tigi* a segmentação adequada. Trata-se do topónimo navarro *Oronoz* < \**Olon* + suf. -oz, cuja base antroponímica Belasko (1999<sup>2</sup>, p. 347) prefere identificar com *Oron*. É lícito, outrossim, aduzir *Oron(t)z* como termo de comparação, uma vez que este deverá ser o mesmo NL que *Oronoz*, com síncope da vocal postónica (Mujika, 1992, pp. 449, 456). Salaberri (2011, p. 54), por seu lado, chega a confessar que “no sé qué es *Oron-*”, mas, algumas linhas depois, munido de excessiva cautela, admite a possibilidade de se tratar “de un topónimo con base antroponímica”.

Convirá referir que Correa (2016, p. 408), ao recusar-se a reconhecer a matriz ibérica que identificámos em *Olontigi* (Faria, 2006, p. 124),



qualifica o presente NL como “indígena”, não estando, por conseguinte, em condições de aceitar nenhum dos *comparanda* por nós assinalados. Silgo (2013, p. 222) também não os menciona, se bem que não hesite em atribuir a *Olontigi* uma origem ibérica.

Não deixa de ser interessante notar que, conquanto omitindo toda a bibliografia defensora da existência do segmento *tigi* em NNL que temos por ibéricos (v., e.g., Faria, 1994a, pp. 66, 69, 1998c, p. 126, 2003b, p. 211, 2007a, p. 217; Untermann, 1995, p. 742), só agora De Hoz (2016, p. 214) se mostre disposto a admiti-la, mas tão-somente em *Sosintigi*. Trata-se de um NL cuja natureza ibérica é indiscutível (Untermann, 1995, p. 742), ainda que De Hoz tenha evitado pronunciar-se sobre a proveniência linguística do dito formante.

**neselTuCu.** Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). CNH 344:17–25.

Numa tese de doutoramento que, em 2016, teve honras de publicação pela Universidade de Saragoça, é ainda possível ler *neseltuko* (Estarán, 2016, p. 321) onde figura **neselTuCu** (Faria, 1991a, p. 190, 1991b, pp. 16, 17–18, 1993a, p. 157, 1994a, p. 67, 1994b, pp. 49–50, n.º 261, 1995b, pp. 80, 83–84, 1996, p. 166, 1997, pp. 106, 111, 1998b, pp. 236, 238, 2000a, pp. 123, 137, 2000b, p. 65, 2001a, pp. 207, 209, 2002a, pp. 133, 135, 2004a, p. 288, 2007a, pp. 216, 223, 2012, p. 99).

**oTaciis.** Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). CNH 342:9.

Numa tese de doutoramento que, em 2016, teve honras de publicação pela Universidade de Saragoça, é ainda possível ler *otatiis* (Estarán, 2016, pp. 320, 323, 334) onde figura **oTaciis** (Faria, 1990–1991, pp. 74, 81, 1991b, p. 17, 1992, p. 43, 1993b, p. 139, 1994b, p. 51, n.ºs 283, 287, 1995b, p. 84, 1996, p. 167, 1998b, p. 232, 2000a, p. 138, 2001a, pp. 208–209, 2001b, p. 101, 2001c, p. 213, 2003a, p. 325, 2005a, p. 170, Faria, 2006, p. 125, 2007a, p. 224, 2013, p. 199).

**PeCuegi.** Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). CNH 345:26–35.

Numa tese de doutoramento que, em 2016, teve honras de publicação pela Universidade de Saragoça, é ainda possível ler **G21a-koeki** (Estarán, 2016, pp. 321, 324) onde figura

**PeCuegi** (Faria, 1994a, p. 67, 1994b, p. 41, n.º 76, 1995b, pp. 80, 83–84, 1996, p. 155, 2000a, p. 128, 2002a, p. 128, 2004a, p. 304, 2011 [2012], pp. 157–158).

**rucabedi.** Marcas sobre *dolia*. *Ruscino* (Château-Roussillon, Perpilhão). *MLH* II B.8.20; Ferrer, 2008 [2009], pp. 88–90.

Continuamos naturalmente a sustentar que é o NP céltico *\*Ruc(c)amedis* ou *\*Ruc(c)abedis* que deve ser identificado em **rucabedi** (Faria, 2009 [2010], pp. 166–167, 2013, pp. 200–201, 2014, p. 177, 2015, pp. 129, Quadro 1, 136, 2017, p. 90). Como não podia deixar de ser, manifestamos a nossa inteira disponibilidade para acolher qualquer outra teoria que se alicerce em argumentos minimamente sólidos. Não é este, definitivamente, o caso da análise formulada por Moncunill (2016b, pp. 56–58), que, como veremos de seguida, não passa de uma clara manifestação de falta de profissionalismo. Recorrendo a um malabarismo metodológico sem precedentes, Moncunill (2016b, p. 57) transforma **rucabedi** em **urcabedi** com um único propósito: atribuir, à viva força, este produto da sua fértil imaginação à antroponímia ibérica. A fim de justificar esta autêntica barbaridade, Moncunill (2016b, p. 58) vê-se obrigada a preconizar “un sens de lecture inhabituel en forme de courbe sinueuse [sic]”. A verdade, porém, é que a única curva sinuosa que conseguimos identificar é aquela que foi percorrida por Moncunill ao escamotear insidiosamente toda a bibliografia que produzimos sobre a questão. Era de reear que a lamentável deturpação dos factos epigráficos protagonizada por Moncunill, decerto coonestada pelos investigadores mencionados na nota relativa aos agradecimentos (p. 45), tivesse fatalmente de desembocar num apriorismo do seguinte calibre (Moncunill, 2016b, pp. 65–66):

[!] nous semble pour le moment raisonnable, en ce qui concerne le cas de *Ruscino*, de nous ranger à l’opinion de J. de Hoz qui soutient qu’aucune des inscriptions ibériques de *Ruscino* ne peut-être [sic] interprété [sic] de façon irréfutable comme un anthroponyme gaulois (...).

Se não questionamos a liberdade de Moncunill para, com a entusiástica aprovação de pares

e mentores, dar à estampa todos os dislates que lhe ocorrem, devemos, em contrapartida, constatar que a execrável ocultação de teorias alheias, perpetrada com evidente dolo por esta investigadora, não é mais do que a sequência lógica de semelhantes malfeitorias impunemente praticadas pelos mesmos pares e mentores (certos catedráticos e acólitos) que se dedicam ao estudo da língua ibérica.

**saico.** Grafito sobre cerâmica ática. *Ruscino* (Château-Roussillon, Perpilhão). Moncunill, 2016b, pp. 62–63.

Estamos, muito provavelmente, perante um NP ibérico composto por *sai*, até hoje por documentar, e pelo sufixo hipocorístico *-co* (*MLH III 1*, pp. 203–204; Campmajo & Untermann, 1990, p. 73, 1993, p. 509).

Moncunill (2016b, p. 63) reabilita artificialmente o NP SAILACOS a fim de promover a existência de um paralelo para o primeiro elemento de *sai*. Continuamos, porém, a acreditar que o NP em causa será, com grande probabilidade, QLSAILACOS (G.12.4), o qual admite as seguintes segmentações: *\*olś-sair-acos* / *\*ol-sair-acos* / *\*olś-sail-acos* / *ol-sail-acos* / *\*ol-sail-acos* / *\*olś-sail-acos* (Faria, 2007b, p. 175, 2008b [2009b], p. 70). Aliás, mesmo que a leitura por nós defendida estivesse errada, não é, de modo nenhum, possível eludir um facto que não pode ser questionado: a existência de pelo menos duas letras que precedem SAILACOS, pelo que a leitura preceituada por Moncunill é completamente inaceitável.

Tal como já tinham visto Siles (1978, p. 336) e Corell (1998, p. 79), a sequência final deste NP, ACOS, deve reproduzir o NP simples imediatamente anterior, a exemplo do que sucede com **baicaf śocinbaicaf** (C.21.2), **BELES VMAR-BELES F(i)lius** (TSall) e **bofs-te abargebofs-te** (C.2.3) (Faria, 2013, pp. 190–191). Em conformidade com esta exegese, a segunda lateral de QLSAILACOS deve pertencer ao componente intermédio *śail* ou *sail* (Faria, 2007b, p. 175, 2008b [2009b], p. 70).

Sabaté (2016, p. 56) admite que, em **saico**, *sai* não passa de uma variante de *śair*. Trata-se, por razões óbvias, de uma interpretação de tal modo especulativa que não nos merece qualquer credibilidade. De resto, continuamos a manter fortes dúvidas (Faria, 2010 [2011], p. 95) de que *śair* seja individualizável em **desailaur**, tal como pretende Sabaté (2016, p. 56).

**siCounin.** Lâmina de chumbo. Empúries (L'Escala, Girona). *MLH III 1 C.1.6*.

Até agora, parece ter passado despercebido aos estudiosos da onomástica ibérica um provável *comparandum* para o NP em questão. Referimo-nos especificamente a SICOVNI(n?) / SICOVN(in?), idiótismo ou *cognomen* atestado em marcas de ânforas produzidas na Bética (Berni, 2008, p. 312). Na eventualidade de estarmos perante indivíduos homónimos, perde solidez a hipótese de o NP que encabeça o lado B da inscrição C.1.6 se encontrar em escrita dual (**sigounin**) (*contra*, Moncunill, 2010, p. 112) — uma constatação, aliás, extensível a todo o texto —, saindo igualmente fragilizada a interpretação do NP em causa como sendo feminino (*contra*, Rodríguez, 1995, p. 16; Moncunill, 2010, p. 112).

**silaPonYi.** *Libisosa* (Lezuza, Albacete). Sabaté, 2016, p. 56 e fig. 14.

Não iremos repetir aqui a interpretação que recentemente formulámos acerca do NP **silaPo(n)**, que reputamos ser céltico (Faria, 2016 [2017], p. 127). Resta-nos tão-somente apresentar mais dois indícios — nada mais do que isso — da pertença de *\*Silabon*/*\*Silabu* àquele idioma: o NP feminino SILABINAE (dat.), que exhibe BORTOSSI (gen.) como patrónimo, gravado numa inscrição de Auch (Aquitânia) (EDCS-10400595), e o apelativo **śilaPur**, que, independentemente da filiação linguística, se encontra atestado em textos celtibéricos (Tovar, 1979, pp. 477–478; *MLH V 1*, pp. 333–334; Boutkan & Kossmann, 2001, pp. 8–9).

**śaiTaPi.** Moedas. *\*Śaitabi*/*Saetabi* (Xátiva, Valência). CNH 314:1, 2, 11.

Por razões de vária ordem que fomos aduzindo na última década a propósito do presente NL (Faria, 2007b, pp. 178–179, 2008b [2009b], p. 86, 2013, pp. 199–200, 2014, pp. 178–179), as elucubrações expendidas por Estarán (2016, pp. 310–312) tendentes a sustentar uma segmentação de **śaiTaPi** em **śaiT-a-Pi** carecem de alicerces minimamente sólidos. Do mesmo modo, a análise de **śaiTaPi** em **śaiTa-Pi**, postulada nos últimos anos por Ballester (2013, p. 36, 2017, p. 161), não pode merecer a nossa concordância (Faria, 2013, pp. 201–202, 2014, p. 179, 2016, pp. 156–157). Entre outras debilidades patenteadas no tratamento deste tema, nem Estarán nem Ballester

conseguiram fornecer uma explicação satisfatória para a ineludível afinidade que este NL mantém com **śaiTi(f)** e com **śaiaPi**, legendas identificativas da mesma ceça. À luz das conclusões a que fomos chegando nos últimos anos, consideramos agora altamente improvável que o signo final de **śaiTi** corresponda a /t/, um expediente que permitiria entender a citada legenda monetária como implausível abreviação de **śaiT(aPi)** (Estarán, 2016, p. 310, n. 138), com a dificuldade acrescida de fazer equivaler os dois últimos signos da legenda **śaiTif** a algo semelhante a /tr/, i.e., um grupo de *muta cum liquida*, uma sequência consonântica que, como é bem sabido, está vedada pelas regras fonotáticas do ibero. Não há, por outro lado, qualquer hipótese de se encarar **śaiaPi** como versão sincopada (!) de **śaiTaPi** (contra, Estarán, 2016, p. 310, n. 142). Sendo nossa convicção de que \*(h)abi, cognato do (proto)basco (h)abi(a) ‘ninho’, conforma o segundo membro de *Saitabi* (Álvarez, 1997, p. 87; Faria, 2007b, pp. 178–179, 2008b [2009b], p. 86, 2013, p. 201), não podemos aceitar que aquele termo basco se filie no lat. *cavea* ‘gaiola, jaula, cavidade’, tal como preceitua Vidal (2015, p. 222) na esteira de outros autores (que decidi não citar).

No tocante à teoria advogada por Asín (1944<sup>2</sup>, p. 134), agora retomada por Ballester (2017, p. 161), no sentido de identificar um gentílico (*xativí* = *setabense*) como origem de *Sedaví*, nome de um município da Comunidade Valenciana, cremos que a mesma deve reavaliada. Nada obsta a que se reconheça no dito NL, tal como em *Cedovim* (Vila Nova de Foz Côa, Guarda) (Fernandes, 1999, p. 166), uma matriz antroponímica — *Cid Davi*. Uma tal exegese afigura-se mais consentânea com o significado primário de *banīn* ‘filhos de/família de’ (Barceló, 2010, p. 92; Pocklington, 2013, pp. 36–38), que figura como núcleo da mais antiga atestação do supracitado NL: *Beni Çidaví* (1244) (Ballester, 2017, p. 161). Não pode, no entanto, ser descartada a interpretação de *Sedaví* como *nisba* geográfica (Pocklington, 2013, pp. 38–39) em alternativa à sua identificação como *nasab*.

**śeCena**. Moedas. \**Segena* (La Lagaste, Pomas et Rouffiac d’Aude, Aude). ACIP 2711; Amela, 2016, pp. 40–41.

A transliteração aqui apresentada resulta da

observação do exemplar ACIP 2711 (Amela, 2016, p. 40).

Caso não se trate de uma legenda inventada a partir de **śeCeisa**, poderemos estar na presença de um NL céltico, \**Segena*, muito semelhante, senão idêntico, ao que surge documentado como *Segen*, *Sigina* e *Sigena* entre o século IX e inícios do século XI, e hoje correspondente a *Siegen* (Alemanha) (Delamarre, 2012, p. 233). Nada impede, tão-pouco, que tenha sido \**Segena* o NL predecessor de *Sigena* / *Sijena*, atestado como designação do conhecido mosteiro aragonês a partir do século XII e, presentemente, parte integrante do nome do município de *Villanueva de Sijena* (Huesca) (Miguel, 2015, pp. 431, 491). A transliteração **śeCana**, alvitada por Villarronga (ad ACIP 2711: SEKANA), não pode merecer o nosso acordo, já que o terceiro grafema corresponde a <Ce> (Rodríguez, 1997, p. 194; Faria, 2003b, pp. 218, 224).

**śiPiPolai**. Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). CNH 342:8.

Numa tese de doutoramento que, em 2016, teve honras de publicação pela Universidade de Saragoça, é ainda possível ler **śiTuPolai** (Estarán, 2016, pp. 320, 323, 324) onde figura **śiPiPolai** (Faria, 1990–1991, p. 74, 1991a, pp. 191–192, 1991b, p. 17, 1992, p. 44, 1993a, pp. 152–155, 1994b, p. 53, n.º 344, 1995b, p. 85, 1996, p. 172, 1999, p. 156, 2000a, pp. 138–139, 2001a, p. 207, 2003b, pp. 226–227, 2004a, p. 292, 2005a, p. 171, 2009 [2010], p. 167).

X<sup>M</sup> / TAMVSIENSI. *Tamusia* (Villasviejas del Tamuja, Cáceres). CNH 406:1.

Em divergência com Estarán (2011, *passim*, 2016, pp. 283–284), autora que Amela (2015, p. 77) secundou, não descartamos qualquer motivo que nos conduza a questionar a autenticidade das moedas bilíngues em questão, tanto mais que não conhecemos qualquer exemplar que corrobore a existência de X<sup>M</sup> como legenda de anverso. Com efeito, X<sup>M</sup> é a única abreviatura numismaticamente documentada para X<sup>M</sup>↑M<sup>M</sup>∇.

**TarTiCeleś**. Ânfora. Local indeterminado (proximidades de Lloret de Mar, Gerona). Vilà, 1996, p. 296.

Nada temos a acrescentar ao que consignámos noutras ocasiões sobre o presente NP (Faria, 1997, p. 110, 1999, p. 159, 2002a, pp. 123, 125, 2003a, p. 328, 2004a, p. 300, 2007a,



p. 227, 2007b, pp. 179–180, 2008b [2009b], p. 59, 2008c [2009c], p. 152, 2012, p. 103). Pretendemos tão-somente corrigir a transliteração fornecida por Gómez-Pantoja, Rodríguez & Fasolini (2017, p. 278, n. 8: **tautibeleś**). A circunstância de a *editio princeps* não incluir uma foto do grafito constituiu razão suficiente para que os referidos autores deturpassem arbitrariamente a transliteração de dois dos sete signos que conformam o NP em apreço.

**TEMPESTIVOS.** Estela de mármore. Obarra/Calvera (Puebla de Castro, Huesca). *CIL II Suppl.* 5840; Orduña & Velaza, 2012, *passim*.

Já se passaram vários anos desde que interpretámos *Tempestivos* < *Tempestivus* como um *Deckname* de tradução a partir do ibero (Faria, 2010 [2011], p. 101). Na circunstância, fizemo-lo corresponder ao lexema *adin*, bastante disseminado na antroponímia pertencente a este último idioma (Faria, 2010 [2011], p. 101), se bem que não estejamos agora em condições de excluir *aiun* (Zeidler, 2013, *passim*) ou mesmo *aiunadin*.

Por conseguinte, só alguém destituído de um mínimo de escrúpulos ou, em alternativa, acometido da mais desgraçada ignorância pode redigir uma versão alargada dos nossos artigos sobre o *cognomen* *Tempestivus* (Simón, 2017, *passim*) sem se referir uma só vez à bibliografia que consagramos ao mesmo assunto (Faria, 2010 [2011], p. 101, 2016, pp. 157–158). Também Vidal (2009, p. 719 = 2012, pp. 343–344) foi deliberadamente silenciado.

O facto de, só agora, através do trabalho de Simón (2017, p. 60), termos tido conhecimento de um obscuríssimo artigo de Beltrán (publicado há mais de três décadas numa revista editada em Barbastro), no qual se propunha a interpretação de *Tempestivus*/*Tempestivos* como “traducción o adaptación al latín de un nombre ibérico” (Beltrán, 1987, p. 29), não serve de desculpa para o

indecoroso comportamento agora exposto.

É interessante assinalar que Beltrán (1987, p. 29) formulou aquela sugestão com base em apenas três testemunhos peninsulares, num total de quatro em todo o Império, enquanto, presentemente, segundo a nossa contabilidade (Faria, 2010 [2011], p. 101), são nove os que se atestam em território hispânico, num total de dez, um cálculo que Simón (2017, pp. 60–62), de um modo despudorado, nos tentou sonegar.

Se não fosse a indiscutível probidade dos professores Joaquín Gorrochategui Churrua e Francisco Beltrán Lloris, os dois investigadores que teceram comentários ao trabalho em apreço (Simón, 2017, p. 57, n. \*), dir-se-ia que estamos perante um artigo encomendado.

**ueCuegi.** Moedas. *Abra* (localização desconhecida). *CNH* 355:1–4.

Numa tese de doutoramento que, em 2016, teve honras de publicação pela Universidade de Saragoça, é ainda possível ler **ueCoeCi** (Estarán, 2016, pp. 320, 324) onde figura **ueCuegi** (Faria, 1991b, p. 18, 1994b, p. 55, n.º 391, 1995b, pp. 79, 84, 85, 1996, p. 175, 2000a, p. 128, 2002a, p. 128, 2005a, p. 169, 2007a, p. 211).

**urCailPi.** Moedas. *Obulco* (Porcuna, Jaén). *CNH* 344:17–25.

Numa tese de doutoramento que, em 2016, teve honras de publicação pela Universidade de Saragoça, é ainda possível ler **urCailTu** (Estarán, 2016, pp. 320, 324) onde figura **urCailPi** (Faria, 1990–1991, pp. 74, 81, 1991a, pp. 191–192, 1991b, pp. 17–18, 1992, p. 44, 1993a, pp. 154–155, 1994b, p. 56, n.º 403, 1994c, p. 123, 1995a, p. 328, 1995b, pp. 85–86, 2000a, pp. 140–141, 2000b, pp. 64–65, 2001b, p. 103, 2002b, p. 241, 2003b, pp. 226–227, 2004a, p. 300, 2010 [2011], p. 100, 2012, p. 104).

## Bibliografia citada

ACIP = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre; BENAGES I OLIVÉ, Jaume (2011) – *Ancient coinage of the Iberian Peninsula: Greek / Punic / Iberian / Roman. Les monedes de l’Edat Antiga a la Península Ibèrica*. Barcelona: Societat Catalana d’Estudis Numismàtics.

ALBERTOS FIRMAT, María Lourdes (1970) – Álava prerromana y romana: estudio lingüístico. *Estudios de Arqueología Alavesa*. 4, pp. 107–233.

ÁLVAREZ ENPARANTZA “TXILLARDEGI”, José Luis (1997) – La aportación de Joan Coromines a la filología vasca. *Fontes Linguae Vasconum*. 74, pp. 85–91.

- AMELA VALVERDE, Luis (2014) – Ikalesken, Erkauika, Konterbia Karbika y otras cecas de influencia en la provincia de Cuenca. In GOZALBES CRAVIOTO, Enrique; HERNÁNDEZ RUBIO, Juan Antonio; ALMONACID CLAVERÍA, José Antonio, eds. – *Cuenca: la historia en sus monedas*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, pp. 107–127.
- AMELA VALVERDE, Luis (2015) – Las emisiones de Tamusia y Tamusiense. *Gaceta Numismática*. 189, pp. 69–80.
- AMELA VALVERDE, Luis (2016) – Los bronce ibéricos de **Neronken**, sus imitaciones y emisiones emparentadas. *Gaceta Numismática*. 192, pp. 17–43.
- ASÍN PALACIOS, Miguel (1944<sup>2</sup>) – *Contribución a la toponimia árabe de España*. 2.<sup>a</sup> ed. (1940<sup>1</sup>). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2013) – Escolios a un topónimo prerromano implícito. *Palaeohispanica*. 13, pp. 33–47.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2015) – “Osito”, “Bajo la Ciudad” y demás lúbricas toponimias de más. *Quaderns de Filologia: Estudis Lingüístics*. 20, pp. 123–148.
- BALLESTER GÓMEZ, Xaverio (2017) – *Xàtiva*: vicissituds d’un topònim. *Rivista Italiana di Onomastica*. 23:1, p. 161.
- BARCELÓ TORRES, Carme (2010) – *Noms aràbics de lloc*. València: Institut Interuniversitari de Filologia Valenciana; Alzira: Edicions Bromera.
- BECKER, Lidia (2009) – *Hispano-romanisches Namenbuch: Untersuchung der Personennamen vorrömischer, griechischer und lateinisch-romanischer Etymologie auf der Iberischen Halbinsel im Mittelalter (6.–12. Jahrhundert)*. Tübingen: Niemeyer.
- BELASKO ORTEGA, Mikel (1999<sup>2</sup>) – *Diccionario etimológico de los nombres de los pueblos, villas y ciudades de Navarra: apellidos navarros*. 2.<sup>a</sup> ed. (1996<sup>1</sup>). Pamplona: Pamiela.
- BELTRÁN LLORIS, Francisco (1987) – Epigrafía y romanización en la provincia de Huesca. *Anales: Anuario del Centro de la Universidad Nacional de Educación a Distancia de Barbastró*. 4, pp. 19–34.
- BELTRÁN VILLAGRASA, Pío (1954) – *El plomo inscrito de la Bastida de les Alcuses (Mogente)*. Valencia: Servicio de Investigación Prehistórica de la Diputación Provincial.
- BERNI MILLET, Piero (2008) – *Epigrafía anfórica de la Bética: nuevas formas de análisis*. Barcelona: Universitat.
- BOUTKAN, Dirk; KOSSMANN, Maarten (2001) – On the etymology of ‘silver’. *NOWELE*. 38, pp. 3–15.
- CAMPMAJO, Pierre; UNTERMANN, Jürgen (1990) – Nouvelles découvertes de graffiti ibériques en Cerdagne: les apports de la culture ibérique en Cerdagne: données contradictoires. In *La Romanització del Pirineu: homenatge al Prof. Dr. Miquel Tarradell i Mateu: 8è Col·loqui Internacional d’Arqueologia de Puigcerdà, del 8 a l’11 de desembre de 1988*. Puigcerdà: Institut d’Estudis Ceretans, pp. 69–78.
- CAMPMAJO, Pierre; UNTERMANN, Jürgen (1993) – Les influences ibériques dans la Haute Montagne catalane: le cas de la Cerdagne. In UNTERMANN, Jürgen; VILLAR LIÉBANA, Francisco, eds. – *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25–28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 499–520.
- CIÉRBIDE MARTINENA, Ricardo (1996) – Leyre: onomástica del Becerro Antiguo: consideraciones. *Fontes Linguae Vasconum*. 71, pp. 119–134.
- CIÉRBIDE MARTINENA, Ricardo (2005) – El nombre de los navarros. In RAMÍREZ SÁDABA, José Luis, ed. – *La onomástica en Navarra y su relación con la de España: actas de las Primeras Jornadas de Onomástica (Pamplona, 2003)*. Pamplona: Universidad Pública de Navarra, pp. 15–34.
- CIL II Suppl. = HÜBNER, Emil (1892) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, II: Hispaniae Latinae Inscriptionum Supplementum*. Berlin: Georg Reimer.
- CIL II<sup>2</sup>/5 = STYLOW, Armin U.; ATENCIA PÁEZ, Rafael; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Julián; GONZÁLEZ ROMÁN, Cristóbal; PASTOR MUÑOZ, Mauricio; RODRÍGUEZ OLIVA, Pedro; GIMENO PASCUAL, Helena; RUPPERT, Monika; SCHMIDT, Manfred G. (1998) – *Corpus Inscriptionum Latinarum, II. Editio altera. Pars V: conventus Astigitanus (CIL II<sup>2</sup>/5)*. Berlin; New York, NY: Walter de Gruyter.
- CNH = VILLARONGA I GARRIGA, Leandre (1994) – *Corpus nummum Hispaniae ante Augusti aetatem*. Madrid: José A. Herrero, S. A.
- CORELL VICENT, Josep (1998) – *Inscripcions romanes d’Ilici, Lucentum, Allon, Dianium i els seus respectius territoris*. València: Nau Llibres.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (1993) – Antropónimos galos y ligures en inscripciones ibéricas. In

- ADIEGO LAJARA, Ignacio-Javier; SILES RUIZ, Jaime; VELAZA FRÍAS, Javier, eds. – *Studia palaeohispanica et indogermanica J. Untermann ab amicis hispanicis oblata*. Barcelona: Universitat, pp. 101–116.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2002) [2003] – La distribución de las oclusivas orales en la toponimia prerromana de la Bética. *Palaeohispanica*. 2, pp. 133–139.
- CORREA RODRÍGUEZ, José Antonio (2016) – *Toponimia antigua de Andalucía*. Sevilla: Universidad.
- CORZO SÁNCHEZ, Sebastián; PASTOR MUÑOZ, Mauricio; STYLOW, Armin U.; UNTERMANN, Jürgen (2007) [2008] – *Betaton*, la primera divinidad ibérica identificada. *Palaeohispanica*. 7, pp. 251–262.
- CURCHIN, Leonard A. (2010) – Toponimia antigua de Oretania y Bastitania. *Boletín del Instituto de Estudios Giennenses*. 201, pp. 11–25.
- CURCHIN, Leonard (2011) – Naming the provincial landscape: settlement and toponymy in ancient Catalunya. *Hispania Antiqua*. 35, pp. 301–320.
- DCPH II = GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; BLÁZQUEZ CERRATO, Cruces (2001) [2002] – *Diccionario de cecas y pueblos hispánicos. Con una introducción a la numismática antigua de la Península Ibérica. Volumen II: catálogo de cecas y pueblos que acuñan moneda*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- DE BERNARDO STEMPEL, Patrizia (2016) – Celto-Roman and other divine names found in NW Spain (*Conventus Asturum, Lucensis, and Bracarenensis*). In MATIJEVIĆ, Krešimir, ed. – *Kelto-Römische Gottheiten und ihre Verehrer; Akten des 14. F.E.R.C.AN.-Workshops; Trier, 12.–14. Oktober 2015*. Rahden/Westf.: Leidorf, pp. 189–228.
- DELAMARRE, Xavier (2007) – *Nomina celtica antiqua selecta inscriptionum (noms de personnes celtiques dans l'épigraphie classique)*. Paris: Errance.
- DELAMARRE, Xavier (2012) – *Noms de lieux celtiques de l'Europe ancienne (–500 / +500)*. Arles: Errance.
- DLG = DELAMARRE, Xavier (2003<sup>2</sup>) – *Dictionnaire de la langue gauloise: une approche linguistique du vieux-celtique continental*. 2<sup>e</sup> édition revue et augmentée. (2001<sup>1</sup>). Paris: Errance.
- EDCS = *Epigraphik-Datenbank Claus / Slaby* < [http://db.edcs.eu/epigr/epi\\_de.php](http://db.edcs.eu/epigr/epi_de.php) >.
- ESTARÁN TOLOSA, María José (2011) – La emisión bilingüe de Tamusia. In *Actas del XIV Congreso Nacional de Numismática. Ars metallica: Monedas y medallas Nules-Valencia, 25–27 de octubre de 2010*. Madrid: Museo Casa de la Moneda, pp. 585–598.
- ESTARÁN TOLOSA, María José (2016) – *Epigrafía bilingüe del Occidente romano: el latín y las lenguas locales en las inscripciones bilingües y mixtas*. Zaragoza: Universidad.
- FABIÃO, Carlos; GUERRA, Amílcar; ALMEIDA, João; ALMEIDA, Rui Roberto de; PIMENTA, João; FILIPE, Victor (2016) – *Marcas de ânforas romanas na Lusitânia (do Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa ao Museu Nacional de Arte Romano de Mérida)*. Lisboa: Universidade.
- FARIA, António Marques de (1990–1991) – Antropónimos em inscrições hispânicas meridionais. *Portugalia*. Nova série. 11–12, pp. 73–88.
- FARIA, António Marques de (1991a) – [Recensão de] UNTERMANN, J. – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien. I. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden, Dr. Ludwig Reichert Verlag, 1990. *Conimbriga*. 30, pp. 187–197.
- FARIA, António Marques de (1991b) – Epigrafía monetária meridional. *Conimbriga*. 30, pp. 13–22.
- FARIA, António Marques de (1992) – Ainda sobre o nome pré-romano de Alcácer do Sal. *Vipasca*. 1, pp. 39–48.
- FARIA, António Marques de (1993a) – A propósito do V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica. *Penélope*. 12, pp. 145–161.
- FARIA, António Marques de (1993b) – [Recensão de] CURCHIN, L. A. – *The Local Magistrates of Roman Spain* (Phoenix, Supplementary volume; 28), Toronto: University of Toronto Press, 1990, 275 p. *Vipasca*. 2, pp. 136–140.
- FARIA, António Marques de (1994a) – Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica. *Vipasca*. 3, pp. 65–71.
- FARIA, António Marques de (1994b) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas. *Portugalia*. Nova série. 15, pp. 33–60.
- FARIA, António Marques de (1994c) – [Recensão de] VILLARONGA I GARRIGA, L. – *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*. Madrid, José A. Herrero, S. A., 1994. *Vipasca*. 3, pp. 121–124.
- FARIA, António Marques de (1995a) – Algumas notas de onomástica ibérica. *Portugalia*. Nova série. 16, pp. 323–330.

- FARIA, António Marques de (1995b) – Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana. *Vipasca*. 4, pp. 79–88.
- FARIA, António Marques de (1996) – Nomes de magistrados em moedas hispânicas: correcções e aditamentos. *Conimbriga*. 35, pp. 149–187.
- FARIA, António Marques de (1997) – Apontamentos sobre onomástica paleo-hispânica. *Vipasca*. 6, pp. 105–114.
- FARIA, António Marques de (1998a) – [Recensão de] UNTERMANN, Jürgen, *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV. Die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen [Inschriften]*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert, 1997, 758 pp. *Vipasca*. 7, pp. 127–129.
- FARIA, António Marques de (1998b) – [Recensão de] QUINTANILLA NIÑO, Alberto – *Estudios de fonología ibérica*. Vitoria-Gasteiz: Universidad del País Vasco, 1998. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 1:2, pp. 232–240.
- FARIA, António Marques de (1998c) – [Recensão de] COLLANTES PÉREZ ARDÁ, E. (1997) – *Historia de las cecas de Hispania antigua*. [S.l.]: Arkis. *Vipasca*. 7, pp. 123–126.
- FARIA, António Marques de (1999) – Novas notas de onomástica hispânica pré-romana. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 2:1, pp. 153–161.
- FARIA, António Marques de (2000a) – Onomástica paleo-hispânica: revisão de algumas leituras e interpretações. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:1, pp. 121–151.
- FARIA, António Marques de (2000b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (1). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3:2, pp. 61–66.
- FARIA, António Marques de (2001a) – [Recensão de] ARÉVALO GONZÁLEZ, A. – *La ciudad de Obulco: sus emisiones monetales*. Sigüenza: Librería Rayuela, 1999. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, pp. 206–212.
- FARIA, António Marques de (2001b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (2). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, pp. 95–107.
- FARIA, António Marques de (2001c) – [Recensão de] RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau; ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel – *Monedas hispánicas: catálogo del Gabinete de Antigüedades*. Madrid: Real Academia de la Historia, 2000. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 4:1, pp. 213–216.
- FARIA, António Marques de (2002a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (3). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:1, pp. 121–146.
- FARIA, António Marques de (2002b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (4). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5:2, pp. 233–244.
- FARIA, António Marques de (2003a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (6). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:2, pp. 313–334.
- FARIA, António Marques de (2003b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (5). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 6:1, pp. 211–234.
- FARIA, António Marques de (2004a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (7): trezentas e cinquenta observações a Jesús Rodríguez Ramos. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:1, pp. 273–315.
- FARIA, António Marques de (2004b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (8). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 7:2, pp. 175–192.
- FARIA, António Marques de (2005a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (9). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:1, pp. 163–175.
- FARIA, António Marques de (2005b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (10). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:2, pp. 273–292.
- FARIA, António Marques de (2005c) – [Recensão de] RIPOLLÈS, Pere Pau – *Monedas hispánicas de la Bibliothèque Nationale de France*. Madrid: Real Academia de la Historia; Paris: Bibliothèque Nationale de France, 2005 (Bibliotheca Numismatica Hispana; 1). 334 p. ISBN 84-95983-52-4. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 8:2, pp. 630–635.
- FARIA, António Marques de (2006) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (11). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 9:1, pp. 115–129.
- FARIA, António Marques de (2007a) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (12). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:1, pp. 209–238.
- FARIA, António Marques de (2007b) – Crónica de onomástica paleo-hispânica (13). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 10:2, pp. 161–187.



- FARIA, António Marques de (2008a) [2009a] – [Recensão de] DÍAZ ARIÑO, Borja – *Epigrafía latina republicana de Hispania (ELRH)*. Barcelona: Universitat (Col·lecció Instrumenta; 26), 2008. ISBN 978-84-475-3277-3. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:1, pp. 298–303.
- FARIA, António Marques de (2008b) [2009b] – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (14). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:1, pp. 57–102.
- FARIA, António Marques de (2008c) [2009c] – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (15). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 11:2, pp. 145–156.
- FARIA, António Marques de (2009) [2010] – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (16). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 12:2, pp. 157–175.
- FARIA, António Marques de (2010) [2011] – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (17). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 13:1, pp. 89–106.
- FARIA, António Marques de (2011) [2012] – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (18). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 14, pp. 147–186.
- FARIA, António Marques de (2012) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (19). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 15, pp. 87–112.
- FARIA, António Marques de (2013) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (20). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 16, pp. 187–213.
- FARIA, António Marques de (2014) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (21). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 17, pp. 167–192.
- FARIA, António Marques de (2015) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (22). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 18, pp. 125–146.
- FARIA, António Marques de (2016) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (23). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 19, pp. 155–174.
- FARIA, António Marques de (2017) – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (24). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 20, pp. 83–99.
- FARIA, António Marques de (2016) [2017] – Crònica de onomàstica paleo-hispànica (25). *Arse*. 50, pp. 109–139.
- FERNANDES, Armando de Almeida (1999) – *Toponímia portuguesa: exame a um dicionário*. Arouca: Associação para a Defesa da Cultura Arouquense.
- FERRER I JANÉ, Joan (2008) [2009] - Ibèric **tagiar**. Terrissaires que signen les seves produccions: **biurko**, **ibeitigef**, **biurbedi** i companyia. *Sylloge Epigraphica Barcinonensis*. 6, pp. 81–93.
- FERRER I JANÉ, Joan (2010) – La llengua i l'escriptura ibèrica a la Cerdanya. *Ker*. 4, pp. 50–59.
- FERRER I JANÉ, Joan (2012) – La lengua de las leyendas monetales ibéricas. In G. SINNER, Alejandro, ed. – *La moneda de los iberos: Ilturo y los talleres layetanos*. Premià de Mar: Ajuntament, Museu Municipal de l'Estampació, pp. 28–43.
- FERRER I JANÉ, Joan (2013) – Los problemas de la hipótesis de la lengua ibérica como lengua vehicular. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 13, pp. 115–158.
- G. SINNER, Alejandro; FERRER I JANÉ, Joan (2016) – Del *oppidum* de Burriac a las termas de Ca l'Arnau. Una aproximación a la lengua y a la identidad de los habitantes de *Ilduro* (Cabrer de Mar, Barcelona). *Archivo Español de Arqueología*. 89, pp. 193–223.
- GARCÍA ALONSO, Juan Luis (2007) – La toponimia en el territorio de la Carpetania. In CARRASCO SER-RANO, Gregorio, ed. – *Los pueblos prerromanos en Castilla-La Mancha*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, pp. 67–106.
- GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz (2002) – De nuevo sobre la ceca de ikale(n)sken. In *Actas del X Congreso Nacional de Numismática* (Albacete, del 28 al 31 de octubre de 1998). Madrid: Museo Casa de la Moneda, pp. 181–186.
- GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (1997a) – La monnaie: Prestige et espace économique des Ibères. In *Les Ibères*. Paris: Association Française d'Action Artistique; Madrid: Ministerio de Educación y Cultura; Barcelona: Fundación "la Caixa"; Bonn: Kunst- und Ausstellungshalle der Bundesrepublik Deutschland, pp. 205–215.
- GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (1997b) – [Comentários ao catálogo de moedas ibéricas]. In *Les Ibères*. Paris: Association française d'Action Artistique; Madrid: Ministerio de Educación y Cultura; Barcelona: Fundación "la Caixa"; Bonn: Kunst- und Ausstellungshalle der Bundesrepublik Deutschland, pp. 272–287.
- GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, Manuel (1934) – Notas sobre numismática hispana. *Anuario del Cuerpo*



*Facultativo de Archiveros, Bibliotecarios y Arqueólogos*. 2, pp. 173–191.

GÓMEZ-MORENO MARTÍNEZ, Manuel (1949) – *Misceláneas. Historia-arte-arqueología*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

GÓMEZ-PANTOJA FERNÁNDEZ-SALGUERO, Joaquín; RODRÍGUEZ CEBALLOS, Mariano; FASOLINI, Donato (2017) – Los *Tautii* de *Clunia Sulpicia*. *Zeitschrift für Papyrologie und Epigraphik*. 201, pp. 277–284.

GORROCHATAGUI CHURRUCA, Joaquín; RAMÍREZ SÁDABA, José Luis (2013) – La religión de los vascos. Una mirada comparativa: concomitancias y diferencias con la de sus vecinos. *Cuadernos de Arqueología Universidad de Navarra*. 21, pp. 113–149.

GOZALBES CRAVIOTO, Enrique (2014) – La economía monetaria en la provincia de Cuenca en la antigüedad. In GOZALBES CRAVIOTO, Enrique; HERNÁNDEZ RUBIO, Juan Antonio; ALMONACID CLAVE-RIA, José Antonio, eds. – *Cuenca: la historia en sus monedas*. Cuenca: Universidad de Castilla-La Mancha, pp. 55–84.

GOZALBES CRAVIOTO, Enrique (2017) – La ceca de *Ikalesken* y el problema de su localización. *Gaceta Numismática*. 193, pp. 3–19.

GOZALBES GARCÍA, Helena; GOZALBES CRAVIOTO, Enrique (2015) – Avance al estudio de la circulación monetaria de época ibérica en el territorio de Valeria (Cuenca). *Gaceta Numismática*. 189, pp. 45–52.

GUI TER, Henri (1975) – Les bases oronymiques préromanes sur les Pyrénées méditerranéennes. *Cuadernos de Investigación Filológica*. 1:2, pp. 35–44.

GUI TER, Henri (1992) – Algunes base pre-romàniques en la toponímia del Pirineu mediterrani. *Medievalia*. 10, pp. 193–210.

DE HOZ BRAVO, Javier (2011) – *Historia lingüística de la Península Ibérica, II. El mundo ibérico prerromano y la indoeuropeización*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.

DE HOZ BRAVO, Javier (2016) – Los turdetanos. ¿Quiénes eran y qué hablaban? In MAIA, Manuel, ed. – *Atas da Mesa Redonda Turdetânea e Turdetanos*. Castro Verde: Museu da Lucerna, pp. 200–228.

HÜBNER, Emil (1899) – Nuevas fuentes para la geografía antigua de España. *Boletín de la Real Academia de la Historia*. 34, pp. 465–503.

IRIGOYEN ECHEVARRIA, Alfonso (1997) – Las lenguas de los vizcaínos: antroponimia y toponimia medievales. In *Opera selecta*. Bilbao: Universidad de Deusto, pp. 373–429.

IRIGOYEN ECHEVARRIA, Alfonso (2000) – Sobre el origen de los patronímicos y de ciertos topónimos terminados en *-ain*, *-ein*, sul. *-añe*. In GORROTXATEGI NIETO, Mikel; KNÖRR BORRÁS, Henrike, eds. – *Actas de las II Jornadas de Onomástica, Orduña, Septiembre de 1987*. Bilbao: Real Academia de la Lengua Vasca–Euskaltzaindia (*Onomasticon Vasconiae*; 17), pp. 111–121.

JAQUEMOT, Antoni (2017) – ΚΑΝΙΚΩΝΕ / Canigó. *Noms*. 6, pp. 23–24.

JENKINS, Gilbert Kenneth (1958) – Notes on Iberian denarii from the Cordova hoard. *Museum Notes*. 8, pp. 57–70.

LAGÓSTENA BARRIOS, Lázaro (2001) – *La producción de salsas y conservas de pescado en la Hispania romana: II a.C.–VI d.C.* Barcelona: Universitat.

LÓPEZ SÁNCHEZ, Fernando (2017) – El *triumphum* [sic] ex *Gallia* de C. Coelius Calvus y la caballería hispana (101 a.C.). In PRINCIPAL PONCE, Jordi; ÑACO DEL HOYO, Toni; DURÁN I CAIXAL, Montserrat; MESTRES SANTACREU, Imma, eds. – *Roma en la Península Ibérica presertoriana. Escenarios de implantación militar provincial*. Barcelona: Universitat, pp. 39–57.

LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2003) [2004] – En torno a la identificación de la ceca IKALE(N)SKEN (MLH A.95). *Palaeohispanica*. 3, pp. 129–135.

LUJÁN MARTÍNEZ, Eugenio Ramón (2013) – La situación lingüística de la Meseta sur en la Antigüedad. *Palaeohispanica*. 13, pp. 103–136.

MIGUEL BALLESTÍN, Pascual (2015) – *Toponimia mayor de Aragón: ciudades, villas, lugares, aldeas, ríos, montañas y territorios*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico; Universidad de Zaragoza; Gara d'Edizions.

MLH I 1 = UNTERMANN, Jürgen (1975) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band I: Die Münzlegenden. 1. Text*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.

MLH II = UNTERMANN, Jürgen (1980) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band II: die Inschriften in iberischer Schrift aus Südfrankreich*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.

MLH III 1 = UNTERMANN, Jürgen (1990) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 1. Literaturverzeichnis, Einleitung, Indices*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.

- MLH III 2 = UNTERMANN, Jürgen (1990) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III: die iberischen Inschriften aus Spanien. 2. Die Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH IV = UNTERMANN, Jürgen (1997) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band IV: die tartessischen, keltiberischen und lusitanischen Inschriften*. [Unter Mitwirkung von Dagmar Wodtko]. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MLH V 1 = WODTKO, Dagmar (2000) – *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band V 1. Wörterbuch der keltiberischen Inschriften*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2010) – *Els noms personals ibèrics en l'epigrafia antiga de Catalunya*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans.
- MONCUNILL MARTÍ, Noemí (2016a) – Novecientos antropónimos ibéricos. *Palaeohispanica*. 16, pp. 81–94.
- MONCUNILL I MARTÍ, Noemí (2016b) – L'épigraphie ibérique de Ruscino. In BARATTA, Giulia, ed. – *Studi su Ruscino*. Macerata: Università; Barcelona: Universitat, pp. 45–66.
- MUJICA URDANGARIN, Luis María (1992) – Crítica a las etimologías del “Diccionario de apellidos vascos” de N. Narbarte. *Revista Internacional de los Estudios Vascos*. 37:2, pp. 431–477.
- OLIVARES PEDREÑO, Juan Carlos (2002) – *Los dioses de la Hispania céltica*. Madrid: Real Academia de la Historia; Alicante: Universidad.
- OLIVARES PEDREÑO, Juan Carlos (2003) – Reflexiones sobre las ofrendas votivas a dioses indígenas en Hispania: ámbitos de culto y movimientos de población. *Veleia*. 20, pp. 297–313.
- ORDUÑA AZNAR, Eduardo; VELAZA FRÍAS, Javier (2012) – Noticias viejas y nuevas sobre la inscripción de Obarra (CIL II 5840). *Espacio, Tiempo y Forma, Serie II, Historia Antigua*. 25, pp. 261–269.
- POCKLINGTON, Robert (2013) – *La toponimia murciana, testimonio vivo de su historia*. Murcia: Real Academia de Medicina y Cirugía de Murcia.
- QUESADA SANZ, Fernando; GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz (1995) – Sobre la localización de *Ikale(n)skan* y la iconografía de sus monedas. In GARCÍA-BELLIDO GARCÍA DE DIEGO, María Paz; CENTENO, Rui Manuel Sobral, eds. – *La moneda hispánica: ciudad y territorio: actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, pp. 65–73.
- RAMÍREZ SÁDABA, José Luis (2002) – Navarra: los colectivos sociales en la Antigüedad. In ERRO GASCA, Carmen; MUGUETA MORENO, Iñigo, eds. – *Grupos sociales en Navarra. Relaciones y derechos a lo largo de la Historia. Actas del V Congreso de Historia de Navarra, Pamplona, septiembre de 2002, volumen III: ponencias*. Pamplona: Eunote, pp. 21–53.
- RIPOLLÈS ALEGRE, Pere Pau (2017) – Kiratikús. Un type monétaire ibérique, non gaulois. *Bulletin de la Société Française de Numismatique*. 72:6, pp. 197–200.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (1995) – *Breve manual de epigrafía ibérica*. Barcelona: Societat Catalana d'Arqueologia.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (1997) – Sobre el origen de la escritura celtibérica. *Kalathos*. 16, pp. 189–197.
- RODRÍGUEZ RAMOS, Jesús (2014) – Nuevo índice crítico de formantes de compuestos de tipo onomástico iberos. *ArqueoWeb*. 15, pp. 81–238 < <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/arqueoweb/pdf/15/RodriguezRamos.pdf> >.
- RUIZ MOLINA, Liborio (1991–1992) – La cueva santuario ibérica del Cerro del Castillo, Yecla (Murcia). *Anales de Prehistoria y Arqueología*. 7–8, pp. 83–86.
- SABATÉ VIDAL, Víctor (2016) – Novetats sobre epigrafia ibérica (2007–2014). *Revista d'Arqueologia de Ponent*. 26, pp. 35–71.
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2010) – Aizoáin / Aitzoain. *Euskera*. 55:1, pp. 389–393.
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2011) – De toponimia vasco-pirenaica: sobre el sufijo -otz, -oz(e). *Nouvelle Revue d'Onomastique*. 53, pp. 33–63.
- SALABERRI ZARATIEGI, Patxi (2015) – Sobre el topónimo Azoz / Azotz. *Euskera*. 60:1, pp. 245–248.
- SANMARTÍ GREGO, Enric (1993) – Grecs et Ibères à Emporion. Notes sur la population indigène de l'Empordà et des territoires limitrophes. *Documents d'Archéologie Méridionale*. 16, pp. 19–25.
- SILES RUIZ, Jaime (1978) – Einheimische Eigennamen auf einem hellenistischen Mosaik aus La Alcudia de Elche (Spanien). *Beiträge zur Namenforschung. Neue Folge*. 13, pp. 331–340.
- SILGO GAUCHE, Luis (2000) – [Recensão de] A. QUINTANILLA NIÑO: «Estudios de Fonología Ibérica». *Veleia, Anejos Serie Minor* 11, Vitoria-Gasteiz 1998. 325 págs. *Estudios de Lenguas y Epigrafía Antiguas*. 3, pp. 279–293.

- SILGO GAUCHE, Luis (2013) – *Estudio de toponimia ibérica: la toponimia de las fuentes clásicas, monedas e inscripciones*. Valencia: Vision Libros.
- SIMÓN CORNAGO, Ignacio (2017) – El cognomen *Tempestivvs*. *Habis*. 48, pp. 57–64.
- TOVAR LLORENTE, Antonio (1979) – Notas lingüísticas sobre monedas ibéricas. In TOVAR LLORENTE, Antonio; FAUST, Manfred; FISCHER, Franz; KOCH, Michael, eds. – *Actas del II Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Tübingen, 17–19 de junio de 1976)*. Salamanca: Universidad, pp. 473–489.
- UNTERMANN, Jürgen (1976) – Las leyendas monetales. In JORDÁ CERDÁ, Francisco; DE HOZ BRAVO, Javier; MICHELENA ELISSALT, Luis, eds. – *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Salamanca, 27–31 mayo 1974)*. Salamanca: Universidad, pp. 213–225.
- UNTERMANN, Jürgen (1995) – Die vorrömischen Namen in Hispanien und Aquitanien. In EICHLER, Ernst; HILTY, Gerold; LÖFFLER, Heinrich; STEGER, Hugo; ZGUSTA, Ladislav – *Namenforschung. Ein internationales Handbuch zur Onomastik. 1. Teilband*. Berlin; New York, NY: Walter de Gruyter, pp. 738–746.
- UNTERMANN, Jürgen (1996) – Onomástica. In BELTRÁN LLORIS, Francisco; DE HOZ BRAVO, Javier; UNTERMANN, Jürgen, eds. – *El tercer bronce de Botorríta*. Zaragoza: Departamento de Educación y Cultura, Diputación General de Aragón, pp. 109–166.
- UNTERMANN, Jürgen (1994–1995) [1997] – El tercer bronce de Botorríta y la antroponimia ibérica. *Arse*. 28–29 [número especial dedicado a Domingo Fletcher Valls], pp. 135–145.
- VICENTE REDÓN, Jaime D.; PUNTER GÓMEZ, María Pilar; ESCRICHE JAIME, Carmen; HERCE SAN MIGUEL, Ana Isabel (1993) – Las inscripciones de la “casa de Likine”. In UNTERMANN, Jürgen; VILLAR LIÉBANA, Francisco, eds. – *Lengua y cultura en la Hispania prerromana: actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonía, 25–28 de noviembre de 1989)*. Salamanca: Universidad, pp. 747–772.
- VIDAL MORENO, Joan Carles (2009) – *Los vínculos europeos del substrato íbero: substrato en el catalán, origen del vasco, relación con el paleosardo y el georgiano, adstrato celtoligur*. Barcelona: La Busca edicions.
- VIDAL MORENO, Joan Carles (2012) – *Los vínculos europeos del substrato íbero: substrato en el catalán, origen del vasco, relación con el paleosardo y el georgiano, adstrato celtoligur*. [2a. edición ampliada y mejorada] [version on-line 2.0].
- VIDAL MORENO, Joan Carles (2015) – *Toponimia ibérica*. Barcelona: Editorial Sunya.
- VILÀ I BOTA, María del Vilar (1996) – Àmfora amb inscripció llatina i grafit ibèric. *Pyrenae*. 27, pp. 295–299.
- ZEIDLER, Jürgen (2013) – Celtic \*aiu- ‘lifetime, life-force’. *Zeitschrift für Celtische Philologie*. 60:1, pp. 275–280.